

**CARLOS MIGUEL
PACHECO**



**SONHOS PERDIDOS NO
TEMPO**

1ª Edição
Copyright © 2015 - 2016 Carlos Miguel Pacheco
All rights reserved.
ISBN: 978-99959-762-5-5

Índice

<i>PREFÁCIO</i>	1
<i>I. AS MEMÓRIAS DE RUDOLFO - 1956</i>	6
<i>II. ROTINAS QUOTIDIANAS - 2014</i>	11
<i>III. CONFLITOS DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA - 1974</i> ...	17

PREFÁCIO

Era mais uma dessas noites de Verão onde o calor do dia se tinha acumulado dentro de casa. Miguel preparou as cobertas da cama em cima do sofá onde dormia todas as noites, o mesmo local onde a falecida esposa tinha adormecido nos seus braços. A música continuava a tocar para completar o dia e para encher o vazio do silêncio que reinava na sua vida. Queria chegar ao fim de cada dia e sentir-se cansado o suficiente para não pensar demais, para evitar de reviver no pensamento as imagens desse adeus final.

Este novo contexto na sua vida tinha-o conduzido a interpretar a sua existência e a dos outros à volta de uma maneira diferente. Miguel tinha sido sempre impertinente e obstinado em relação a tudo aquilo que ele não podia compreender ou aceitar como fosse justo, quando não o era. Essa tendência tinha-o conduzido a um estado crónico que o levava a contradizer tudo aquilo que ele não considerava como racional ou humano em termos de comportamento e relacionamento, mesmo ao ponto de tentar contrariar o ciclo natural da vida através do seu comportamento. Foi nesse momento em que perdeu essa metade da sua vida, a outra metade da sua alma, que foi forçado a aceitar a realidade tal como ela se apresenta aos nossos olhos, como ela contunde os nossos sentimentos mais puros com as suas contradições e injustiças, contra as quais somos completamente impotentes, quando finalmente nos apercebemos que não podemos decidir sobre o nosso momento final apesar de representarmos uma peça fundamental da Criação.

Miguel vivia a terceira fase desse ciclo da vida e tinha passado por múltiplas experiências que tinham feito dele uma barreira impenetrável, onde só os eleitos pelo seu coração podiam entrar nesse mundo tão singular. O único momento em que se sentiu frágil e impotente, foi quando perdeu a sua companheira, a sua grande paixão, apesar de desde criança ter assistido aos momentos finais de vários membros da família.

Miguel perdeu a vontade de viver, a vontade de vencer mais esta batalha que o destino lhe punha à frente, como se fosse um desafio à resistência que o Criador lhe tinha imposto viver. Nada mais tinha significado para ele, impedindo-o de sobreviver, de suplantar em completa solidão o período final da sua existência, o Outono da sua vida.

Quando se ia deitar no sofá, tinha em frente dele, o que para ele sempre tinha constituído uma segunda paixão. Dezenas de discos em vinil estavam dispostos por ordem alfabética e por estilo numa estante que ficava aos pés do leito. A antiga aparelhagem de som analógico com o tradicional gira discos, o amplificador e o gravador de banda magnética, davam a imagem da genuinidade deste pequeno cantinho.

Miguel sempre tinha associado a vida com a música, tal era a intensidade dessa dedicação. Os melhores e piores momentos da sua existência estavam ligados a sons e através deles podia reviver todas essas memórias, boas e más, uma maneira pessoal de existir e correlacionar momentos e acontecimentos. Quando os amigos o questionavam sobre esse amor pela música, ele respondia que a vida não é mais do que uma sinfonia à qual chamava 'A Sinfonia da Vida' e que o silêncio absoluto não existia porque até o silêncio tem o seu próprio som. À volta, todos partilhavam esse mundo tão diferente dessa maneira particular de viver que estava associada a uma forma de sentir a vida, a natureza e as pessoas de uma maneira que não era usual encontrar, e fomentava a curiosidade de muitos dos amigos. Este espírito atraía aqueles que queriam partilhar essa dimensão individual em que vivia, muitos tentando alcançar e compreender esse estado de espírito.

O pequeno apartamento onde habitava há cerca de cinco anos era decorado no estilo canadiano, com as paredes revestidas em madeira, proporcionando o ambiente natural do campo, criando uma integração com as florestas que o rodeavam. Por estranho que pareça, Miguel tinha sempre mencionado o desejo de viver numa pequena cabana em madeira onde só a música, os livros e a companhia do ser que amava lhe seriam suficientes para se realizar pessoalmente. Infelizmente, o seu trajecto profissional tinha-o arrastado para um mundo diferente daquele que correspondia à sua simplicidade de espírito. Para ele, era como se a vida o tivesse escutado e lhe tivesse proporcionado este ambiente tão longamente desejado nesta fase da sua existência.

Nessa parede em madeira, por cima do gravador de banda magnética, estava a fotografia da filha na sua companhia. Nessa fotografia que datava de quase quarenta anos, pai e filha partilhavam esse mundo tão belo e precioso de música e de literatura. Um modelo idêntico ao do gravador de som também fazia parte dessa fotografia. Miguel tinha comprado este aparelho, semelhante ao que existia no passado, só para poder reviver no espírito esse antigo ambiente e tudo o que ele significava, o período em que tinha sido mais feliz, a época em que se pensa que se é invencível e eterno e que tudo e todos são bonitos.

No outro lado dessa mesma parede, estavam dispostas uma dúzia de fotografias da falecida esposa. Deste modo, mãe e filha estavam presentes na sua vida diária, apesar da distância trazida pela morte e por destinos diferentes. Dada a sua liberdade de espírito, Miguel tinha educado a filha num clima de liberdade total, deixando-a decidir por ela própria sobre o seu destino, mesmo a partir de uma tenra idade. Para ele, os nossos filhos não deviam ser criados para nós próprios, mas para o Mundo, o que implicava uma liberdade extrema de pensamento acompanhada por um respeito pela personalidade de cada um de nós. Nesta mesma perspectiva, Miguel teve de aceitar as decisões da sua filha que contribuíram para um afastamento real entre eles.

Dadas as injustiças da vida e esse respeito pela autodeterminação dos entes mais queridos, Miguel encontrava-se completamente sozinho neste Outono da sua existência. Restava-lhe viver as memórias e ocupar o tempo da maneira mais construtiva que lhe era possível, lutando contra os estados de espírito temporários que lhe traziam sofrimento e falta de vontade para continuar a viver.

Adormecia todas as noites levando com ele as memórias de todos estes fragmentos de tempo que lhe dominavam a mente e a alma. Estas imagens nunca o abandonariam dado que faziam uma parte intrínseca do seu espírito. Miguel também possuía uma memória muito consistente, ao ponto de se lembrar de mínimos pormenores da sua infância e adolescência, mesmo aqueles que se reportavam aos primeiros anos de vida. Miguel era um 'sonhador', como todos lhe chamavam. Era verdade que ele vivia como que perdido numa dimensão fora do tempo e longe da realidade que temos que enfrentar diariamente, e que às vezes nos faz sucumbir.

Tempo e espaço tinham um significado diferente para ele e precisamente por esse facto, Miguel contrariava a sua própria existência em termos de ciclo natural. Esse facto ajudava-o a superar situações que normalmente implicavam comportamentos adaptados às nossas idades, agindo como um jovem numa idade adulta ou como 'jovem adulto' numa idade em que normalmente já não existe mais nenhuma motivação, onde só se espera atingir a meta das nossas vidas. Essa força interior, essa energia que vivia com ele, era o que lhe restava, era a única chama que alimentava a sua vontade para continuar a construir para ele e para os outros, aqueles que ele elegia para fazer parte do seu percurso.

Quando adormecia, mergulhava em sonhos dos quais se lembrava quase na totalidade. Era como entrar e sair de mundos diferentes, de

dimensões separadas, no entanto, fazendo parte de um 'todo' que nós ignoramos, mas que ao mesmo tempo reafirma a presença de uma continuidade existencial em que todos desejamos acreditar.

Naquela noite de Verão, adormeceu a pensar nos seus tempos de infância que datavam de mais de meio século. Antes de adormecer, quando fechava os olhos, afluíam-lhe imagens do passado e do presente numa ordem aleatória, como naqueles momentos finais das nossas vidas onde alguns sobreviventes afirmam ter revivido cenas do passado mais remoto até aos dias de hoje, em poucos segundos ou minutos.

Talvez por ser uma noite excepcionalmente quente, fê-lo lembrar os momentos de fantasias de infância, onde depois de jantar ia para o quintal ver e tentar apanhar pirilampos para metê-los num frasco, levá-los para casa e mais tarde ficar acordado e observá-los durante a noite. Era como um candeeiro em que eles se apresentavam aos olhos como múltiplas e minúsculas luzes, como estrelas num céu límpido que existia nesse frasco, um mundo em miniatura que o fazia sonhar enquanto ainda acordado.

Mais tarde e ainda na sua infância, lembrava-se que adormecia com um pequeno rádio a pilhas que o seu avô paterno lhe dera e que punha debaixo da almofada. Era um som melhor do que o do pequeno aparelho. O som parecia que era amplificado e a sensação era de estar mergulhado nesse mundo musical que era transmitido através das ondas da rádio. Dada essa paixão pela música, costumava sintonizar a Radio Caroline e era assim que conhecia todos os êxitos musicais da época. Estes pequenos momentos de felicidade, foram segmentos de tempo que Miguel nunca poderia esquecer.

Nessa época, as noites de Verão eram mais quentes e no mundo infantil, aparentemente mais longas. Quando crianças, os nossos olhos e percepções captam tudo de uma maneira diferente e proporcional à nossa estatura e adaptação ao ambiente que nos rodeia. Tudo nos parece grande e infinito e portanto tudo tem um outro significado. Mais tarde, essa escala de atribuição de valores e significados vai-se alterando de acordo com a nossa idade e com as circunstâncias que nos condicionam, portanto, contribuindo para o progresso ou deterioração dos nossos ideais e valores, finalmente, dos nossos 'sonhos de criança'.

Foi exactamente com essas imagens dos tempos de criança que Miguel adormeceu mais uma vez, e ao mesmo tempo reviveu alguns momentos que passou na companhia dos familiares mais queridos. Nessa época,

Miguel estava entregue aos cuidados da sua ama e dos avós paternos. Alexandra era a sua segunda mãe, aquela que na prática passava o tempo com ele e que tinha de aturar todos os seus caprichos e impertinências. Era um facto que Miguel sempre tinha considerado Alexandra como uma verdadeira mãe, até ao momento em que em tenra idade assistiu ao seu falecimento. Naquela altura os médicos vinham a casa dos pacientes, e os recursos hospitalares eram normalmente considerados em segundo plano. Esse contexto contribuiu para o falecimento do ser mais amado nos primeiros nove anos da sua existência.

Quando acordou na manhã seguinte recordou essas imagens, essas memórias onde estavam presentes a sua ama e o avô paterno, Rudolfo, aquele que foi o seu mentor e que de uma certa forma também substituiu o pai. Nos primeiros anos da sua vida, Miguel tinha sido criado e educado longe do cuidado e carinho dos pais, o que não impediu que a sua formação fosse dirigida para tudo o que era construtivo e positivo. Como compensação, tinha sido afortunado pela presença e apoio de outros familiares que lhe deram o amor e carinho necessários para superar essa lacuna importante da sua vida. Miguel encontrou-se a partilhar a vida dos avós, habitando na propriedade do Cônsul alemão em Portugal, e foi com a influência desse ambiente que os primeiros anos da sua existência passaram e moldaram o seu futuro.

Levantou-se lentamente deixando para trás o ‘mundo dos sonhos’ que tinha feito parte daquela noite de Verão, e foi directo para o quarto onde estava um velho álbum de fotografias. As páginas estavam prestes a descolar-se com o tempo e além disso eram bastante pesadas porque eram feitas em cartão de uma relativa espessura. Este álbum cuja capa era de um verde sombrio, datava de mais de sessenta anos e continha fotografias que representavam todo um período da história da sua família, imagens do passado na companhia dos entes queridos.

Após a sua partida de volta a Portugal, a mãe tinha deixado este álbum que ele tinha guardado junto com outras colecções de fotografias, despertando-lhe imagens há longo tempo adormecidas. Foi precisamente através desse álbum que Miguel se encontrou a reviver e a escrever sobre episódios e acontecimentos, o retorno às raízes que tinham influenciado a sua educação e formação, traduzindo quase na totalidade o que ele representava como pessoa.

I. AS MEMÓRIAS DE RUDOLFO - 1956

Rudolfo era o condutor privado do Cônsul alemão e a sua esposa Dolores era a governanta da imensa propriedade que era sua pertença. A vida fez com que Rudolfo servisse este diplomata, e através das estreitas relações existentes entre eles, foi consolidada a sua situação profissional e familiar a um ponto em que o seu filho Ricardo, pai de Miguel, se tornou seu afilhado. Mais tarde, essa situação de estabilidade seria completamente alterada pelo desaparecimento desse diplomata.

Foi neste contexto de memórias provenientes de sonhos que Miguel concentrou os pensamentos. Essa reacção levou-o a transportar-se mentalmente aos tempos em que Rudolfo lhe contava histórias, pequenos episódios sobre o seu passado de criança, quando adolescente e adulto. Esse diálogo que existia entre avô e neto, contribuiu para o enriquecimento da formação de Miguel, uma vez que o conteúdo dessas conversas era extremamente evoluído em termos culturais e criativos. Rudolfo era um autodidacta que exprimia todos os pensamentos de uma forma profundamente rica em termos de expressão, como se aplicasse um toque de poesia nas suas palavras sem ser um poeta. Esta forma de falar e de escrever fez Miguel pensar muitas vezes que existem escritores que não sabem que são poetas, e que um texto pode ter um conteúdo mais poético do que um poema escrito por um poeta assumido.

Ainda se lembrava quando ele costumava ler-lhe certas cartas em voz alta e que dirigia a amigos e familiares. Para Miguel, era como o ouvir uma nova história quando era simplesmente a sua maneira de se exprimir, sem artifícios ou pretensões, mas meramente uma forma natural de analisar e descrever acontecimentos e comportamentos quotidianos. Foi através destes momentos que Miguel captou a riqueza, a essência, a alma da escrita, tudo aquilo que pode motivar uma pessoa a expressar preto no branco as suas ideias de uma forma extremamente construtiva e bela.

O que mais o impressionava era o contraste existente entre a aparente frieza do avô, e a beleza manifestada no conteúdo dos seus textos. Para quem não fosse conhecedor do passado de Rudolfo, seria impossível de identificar essa contradição, mas esse comportamento era perfeitamente compreendido pelo neto por ser o seu confidente. Todo este comportamento de Rudolfo serviu para que Miguel absorvesse mensagens que normalmente deveriam ser dirigidas e interpretadas por adultos, o que lhe proporcionou progredir muito precocemente nos seus pensamentos, introspecções de criança, e de adolescente.

Recordava-se claramente dos passeios que costumava dar na companhia do avô. Dois ou três dias por semana, após o dia de trabalho, Rudolfo convidava-o para uma caminhada no meio dos eucaliptos e contava-lhe episódios sobre o seu passado.

“Sabes meu querido Miguel, quando o avô era um pouco mais velho do que tu, experimentou momentos de muito sofrimento e de privações. Eram tempos muito difíceis, onde a maior parte da população não tinha meios para ter uma vida digna e confortável. Todos nós tínhamos que improvisar alguma coisa para conseguir ter alguns momentos de alegria e felicidade.” - dizia Rudolfo ao neto.

“É verdade, Avô? E como é que vocês faziam se não tinham brinquedos?” - perguntava o pequeno Miguel.

“Tínhamos que usar a nossa imaginação para fazermos jogos de criança. Brincávamos com pedras de vários tamanhos por exemplo, as quais pintávamos de cores diferentes e cada um de nós tinha que atirar a sua pedra o mais longe possível. O jogador seguinte tentava partir a nossa pedra com a sua, e no fim do jogo quem ganhava era o que conseguia ficar com a sua pedra inteira.” - e ria-se ao descrever este episódio.

Rudolfo tinha nascido nos finais da década de 1890, numa época da História em que só a Monarquia e as classes sociais privilegiadas possuíam os meios necessários para ter uma vida digna. Na sua maioria, o povo tinha que trabalhar os campos ou executar profissões artesanais que eram minimamente remuneradas ou eram objecto de permuta de serviços ou bens. Para além desta condição social e económica, Rudolfo não tinha tido muita sorte com os seus progenitores. A sua mãe tinha falecido quando ele tinha poucos anos de idade e ficou a cargo do pai que tinha uma educação precária, aliada a um carácter de agressividade e violência física e verbal proveniente de um estado de demência que ele próprio desconhecia ou pretendia ignorar. Foi neste contexto que Rudolfo foi abusado física e emocionalmente nos anos mais importantes de formação como criança.

“O Avô não foi criado como tu, com todos estes luxos que te rodeiam. O carinho que eu te dou mais a tua ama Alexandra e os teus pais, são uma pequena fortuna que muitas crianças desejariam ter, mas infelizmente não é o caso. Tu és um verdadeiro felizardo e eu fico muito contente por isso.” - explicava Rudolfo.

De facto, Miguel ainda repetia nos dias de hoje muitas frases do avô que lhe tinham ficado na memória. Uma delas era que na vida tem que se ter sorte, uma vez que podemos ser os mais inteligentes, trabalhadores e honestos que se possa imaginar, mas sem sorte não fazemos nada.

“É muito importante termos sorte com os nossos pais, com o resto da nossa família, irmãos, etc. Mais tarde, temos que ter sorte com aqueles que escolhemos como nossos amigos e depois com aqueles com quem vamos constituir família. Sem sorte não se faz nada, meu pequenito!” - dizia Rudolfo, abraçando-o.

Miguel olhava sempre para ele com a maior atenção porque ele exprimia-se de uma tal maneira que parecia um conto de fadas, mesmo tendo em consideração os contextos difíceis e penosos que rodeavam os acontecimentos que às vezes ele lhe descrevia. Para além disso, Miguel também sentia nos olhos de Rudolfo, a admiração, o cuidado e o amor que ele tinha por ele quando lhe narrava todas aquelas histórias. Era como se a descrição desses acontecimentos, evitasse que acontecesse o mesmo ao neto.

“Quando eu tinha catorze anos de idade, o meu pai acordou-me numa dessas manhãs de Inverno quando chovia por todos os cantos e fazia um frio húmido trazido pelo nevoeiro matinal. Ainda me lembro da sua expressão e agressão verbal quando ele me acordou, ordenando-me que me vestisse o mais depressa possível pois estávamos atrasados para apanhar o comboio. Eu nem sabia que tínhamos um comboio para apanhar e fiquei muito surpreendido, o que me levou a pôr-lhe a questão sobre o nosso destino. Essa pergunta foi respondida imediatamente através de uma grande bofetada na cara!” - narrou Rudolfo.

Miguel nunca tinha sido maltratado por ninguém, mas tinha assistido várias vezes a episódios entre pais e filhos onde estes últimos eram punidos com maltratos. A propriedade do Cônsul alemão era populada por um grande número de pessoal que garantia a manutenção do domínio e alguns habitavam com as suas famílias em zonas dessa propriedade, tão vasta que era.

“Pois é, meu pequenito. O meu pai não era como o teu, carinhoso e afectuoso apesar de distante nos seus pensamentos. Ao contrário do teu pai, o meu não pensava porque provavelmente não tinha nada na cabeça excepto violência e destruição. Existem pessoas que se tornam pais por acidente e depois não sabem como devem tratar os filhos. Possivelmente também foram criados e tratados da mesma maneira, sem afecto e

carinho e com uma ausência total de sentimentos, portanto, não sabendo agir de maneira diferente.” - continuou Rudolfo.

“E afinal para onde é que o teu pai te levou, Avô?” - perguntou Miguel.

“O que aconteceu foi uma coisa muito cruel e que eu não desejo a ninguém, nem ao meu maior inimigo, se é que tenho algum. O meu pai arrastou-me por um braço até à estação de caminhos-de-ferro e dirigiu-se ao postigo para comprar os bilhetes. Foi aí que eu conheci o nosso destino final, a cidade de Lisboa, o que me surpreendeu ainda mais.” - respondeu Rudolfo.

Rudolfo tinha nascido e sempre vivido em Leiria, uma cidade que se localiza na zona centro de Portugal. Para ele, a viagem para Lisboa constituía um acontecimento extraordinário, sobretudo tendo em consideração que era a capital do país. O que ele ignorava era o motivo que levava o pai a trazê-lo para tão longe da sua terra natal e do seu lar.

“Existem coisas que nos acontecem que nos marcam para toda a vida, Miguel. Na maior parte dos casos são acontecimentos que nos trazem sofrimento, os quais nunca seremos capazes de pôr atrás das nossas costas e simplesmente esquecê-los. Os bons momentos, esses sim, passam depressa e também se esquecem facilmente.” - continuou Rudolfo.

Miguel estava completamente intrigado sobre o que tinha acontecido ao avô e muito longe de imaginar o que realmente se tinha passado.

“Para mim foi excitante essa viagem porque nunca tinha saído da minha terra natal. Quando chegámos a Lisboa, o meu pai levou-me por ruas que para mim pareciam intermináveis. Caminhámos bastante tempo até ao ponto de eu ficar cansado, e durante o trajecto pensei várias vezes sobre a razão que me trazia à grande capital. Foi aí que deparei com um grande rio, o Tejo, que para mim parecia mais o mar do que um rio. Em Leiria existia o rio Lis, mas comparado com este era realmente uma pequena gota no oceano.” - Rudolfo falava e Miguel sentia que ele revivia todos esses acontecimentos. Era como se fosse um romance contado a uma criança que nunca mais se poderá esquecer.

“Continuámos a nossa caminhada ao longo do rio e em direcção a Belém. Num certo ponto, tomámos a direcção norte da cidade, afastando-nos do rio Tejo. Pouco tempo depois chegámos a uma rua onde os prédios eram velhos e lúgubres. A meio da rua entrámos num vão de escada e o meu pai pôs a mala que trazia na mão aos meus pés. Foi nesse momento que

eu me apercebi que iria ali ficar abandonado e esquecido pelo meu próprio pai, e foi precisamente o que aconteceu!” - disse Rudolfo com um olhar que manifestava uma revolta interior bastante profunda.

Para Miguel esta situação era inconcebível, mas ouvindo-a da boca do avô e olhando para os seus olhos e a maneira como ele se expressava, levou-o rapidamente à conclusão de que não ouvia uma história para crianças mas sim a narração de factos reais que lhe tinham causado imenso sofrimento. Foi nesse momento que Miguel se abraçou a ele e se pôs a chorar.

Passados uns segundos, adulto e criança abraçavam-se e beijavam-se com os olhos cheios de lágrimas.

II. ROTINAS QUOTIDIANAS - 2014

Miguel saiu de casa e executou a rotina normal que traduzia esta fase actual da sua vida. Finalmente, todos temos de nos render à evidência que tudo implica uma certa rotina, mesmo para aqueles que detestam esta palavra. Era o caso de Miguel que odiava a repetição constante de procedimentos, dia após dia. Era como se sentisse uma máquina, um robot numa cadeia de produção que compreendia biliões de seres humanos. Às vezes escolhia um trajecto diferente para ir para o café, só para contrariar essa rotina. Pelo menos isso dava-lhe uma outra sensação, apesar do resultado final ser o mesmo. Novas paisagens podem mudar o espírito dos seres humanos. É como viver diferentes realidades virtuais para encontrar uma motivação para completar a rotina do dia.

Nessa manhã levou o pequeno computador de bolso para se entreter durante o caminho. Dessa maneira, a rotina enfadonha do trajecto tornava-se ausente da sua percepção. No momento que acabasse de jogar às cartas no computador, já tinha chegado ao destino final. Não tinha que assistir à mesma sucessão de imagens que para ele pareciam um filme que tinha que ver todos os dias.

Na mesma perspectiva, evitava permanecer nos mesmos locais onde habitualmente bebia o café e lia o jornal, isto para evitar contextos humanos que poderiam afectar a sua privacidade. Miguel era um solitário. De qualquer maneira os jornais já não lhe diziam nada. Com mais de sessenta anos de idade e tendo assistido a diversas mudanças políticas, pensava que não valia a pena continuar a colaborar com um sistema que manipulava a população, não só com uma política de mentira e de medo, mas igualmente pelo facto que a maior parte das notícias do dia eram deprimentes. Para além da habitual futilidade representada por inúmeras imagens e textos, pensava que maioritariamente eram notícias sobre catástrofes, corrupção política, ou então campanhas de terror intencionalmente criadas para gerar um sentimento de dependência na população em relação ao poder instituído.

Sobretudo eram as memórias dos velhos hábitos e práticas fascistas que lhe afluíam à memória. Miguel tinha vivido e cumprido o serviço militar durante o regime fascista que reinava em Portugal. Era conhecedor da política de medo que era incutida no espírito da população e que traduzia a manipulação da sociedade portuguesa. No presente e no seu entender, o rótulo tinha mudado mas a prática era quase a mesma, o que significava que não havia uma grande diferença entre certos métodos ditatoriais e as práticas democráticas que actualmente estavam na

moda. Sim, para ele a política era como a moda que muda em cada geração e que acaba por se repetir eternamente nos seus métodos de aplicação.

A única diferença entre os dois regimes era que um era imposto declaradamente, e o outro era camuflado pela sua forma de imposição, uma maneira mais inteligente de enganar a população. Os contextos económicos mundiais eram diferentes dos de agora, o que evitava a repetição de uma guerra mundial devido à interdependência dos grupos económicos, mas que não suprimia a prática de uma manipulação da sociedade aplicada pelas instituições ditas democráticas.

Para ele, o que se vivia actualmente era um atentado contra a inteligência humana. Sim, humana porque até mesmo os animais possuem uma inteligência intrínseca e mais pura do que nós, seres humanos. No seu mundo, os animais não vivem em mentira, mas simplesmente exteriorizam os seus instintos e mesmo sentimentos.

Não era por causa dos sessenta e três anos de idade que pensava assim. Era sim, o produto das realidades que o rodeavam e a sua diferente percepção e análise sobre esses mesmos factos, igualmente trazidas pelas experiências vividas durante mais de meio século de existência. Os altos e baixos que a estrada da vida lhe tinham obrigado a passar, faziam com que ele tivesse apurado a sua interpretação sobre múltiplos contextos, sendo esta análise inclusivamente extensiva ao domínio existencial em períodos de introspecção.

Esta maneira de pensar e analisar era mais uma herança do seu avô Rudolfo e das suas ideias populistas, mesmo comunistas, mesmo se estas designações não significassem nada para ele. Miguel tinha tido sempre uma independência total em termos políticos e religiosos, mas era certo que essa influência do avô paterno estava bem presente no espírito.

Quando chegou ao café encontrou os mesmos personagens de sempre. Aquele era um café como os outros mas ao mesmo tempo cada um tem a sua característica que é manifestada pelas personalidades dos frequentadores. É como entrar em mundos diferentes onde as conversas variam de acordo com o ambiente gerado pelos intervenientes, onde as discussões são diferentes e adaptadas a cada contexto. São como pinturas que traduzem múltiplos 'estados de espírito', como se pudessemos ver e observar um grande quadro pintado numa tela onde estão pigmentados vários cenários.

O que ele não suportava era quando vinham ter com ele e impunham a sua presença à mesa. Uma vez que a sua educação não lhe permitia rejeitá-los, tinha que começar a ouvir todas as desgraças que lhes

aconteciam. No passado, Miguel tinha ajudado inúmeras pessoas e inclusivamente tinha-se envolvido demasiado em situações pessoais de terceiros que não tinham sido muito benéficas como experiência. Hoje estava vacinado e quando frequentava um café, simplesmente não se envolvia em conversas que podiam conduzir a mais do que um simples bom dia.

O seu refúgio era aquele pequeno apartamento onde ouvia música, lia, e via os filmes preferidos. Não tinha televisão em casa porque não gostava de ser manipulado pela programação das redes televisivas. Na Internet podia escolher o que quisesse e esse facto fazia-o sentir-se completamente livre e autónomo. Era a mesma coisa que sair à rua e ter a liberdade de escolher o local mais adaptado à nossa forma de estar na vida, um local onde se encontrará eventualmente uma identificação de valores e comportamentos que nos trazem um certo bem-estar, uma certa harmonia.

Nesse dia sentou-se numa outra mesa que a do costume. Costumava chegar a horas do dia onde não havia a presença de muitas pessoas. As memórias trazidas pelos sonhos perseguiram o seu espírito. Naquele momento vivia outro sonho diferente, adaptado a outra dimensão, mas isso não o impedia de viver e reviver realidades paralelas.

Imagens da sua falecida companheira invadiam-lhe constantemente o espírito e com elas todas as memórias que estavam ligadas a um passado de quase cinquenta anos de vida em comum. Para Miguel não era fácil esta situação. Três anos tinham passado mas havia dias que eram quase como o primeiro: a mesma dor, a mesma tristeza. O primeiro ano quase que o tinha destruído. Miguel encontrou-se perto de perecer física e psicologicamente e foi com a ajuda dos poucos amigos que conseguiu superar este trágico acontecimento.

Pousou o pequeno computador de bolso na mesa, e pôs os auscultadores para se distanciar um pouco das conversas dos que estavam presentes e poder mergulhar no seu mundo privado. Verificou a sua correspondência electrónica e depois consultou a página na rede social de que fazia parte. Tinha-se efectivamente tornado um hábito essa moda das redes sociais e era verdade que no meio da sua diversidade, se podiam encontrar certas pessoas que lhe podiam trazer conhecimentos, consolidar a sua cultura e até mesmo criar novas amizades, mesmo que fossem virtuais.

Miguel sabia que não podia ficar muito tempo naquele local. Mais tarde ou mais cedo alguém viria tentar encetar uma conversa sem conteúdo e distraí-lo nos pensamentos. O passado tinha-lhe demonstrado que quase todos os momentos passados nos bares e cafés eram uma pura perda de tempo e de energia. Hoje, recriminava-se por não ter passado mais

tempo com a sua companheira. Se ao menos pudesse fazer o tempo voltar para trás e remediar tudo aquilo que actualmente já não tinha solução possível, excepto através das memórias e dos sonhos sobre o passado.

Tinha a consciência que nunca tinha sido perfeito no seu comportamento, e no presente haveria muitas coisas a criticar. No entanto e apesar da energia que o continuava a animar, os altos e baixos e os acontecimentos trágicos que ocorreram na vida tinham-no moldado, mesmo quebrado a vivacidade, tudo aquilo que dantes o fazia pensar ser invencível.

No entanto, ele sentia que a vida lhe trazia sempre compensações para os momentos mais difíceis. Era como portas se abrissem num infinito corredor que se tem que percorrer. Quando passava profundos momentos de solidão, havia sempre alguém que cruzava o seu caminho, que se aproximava e que acabava por fazer parte da sua vida.

Miguel era um bem-intencionado, portanto aberto à compreensão, mas isso também o tornava bastante vulnerável, a um ponto que ele mesmo já não estranhava quando havia alguém que mais tarde acabava por o decepcionar. A falecida esposa costumava dizer que ele acreditava na sociedade, nas pessoas, mas que a realidade era medonha, que as pessoas não eram aquilo que pareciam. Apesar desses conselhos, Miguel obedecia aos seus instintos básicos e acabava sempre por ficar desiludido com a maior parte das amizades.

No café, escrevia algumas páginas e mais tarde transferia o trabalho literário para o outro computador, aquele que lhe concentrava a atenção e o tempo diário quase na totalidade. Desse modo, as horas passavam mais depressa: o tempo parecia voar.

Para ele não existiam horários a cumprir, o tempo não era importante porque podia dispor dele como queria e isso trazia-lhe uma sensação de liberdade. No entanto, Miguel era muito disciplinado e isso ajudava-o a comeder essa anarquia existencial em que vivia.

Às vezes sentia-se velho por ter de cumprir todas aquelas rotinas que detestava. O facto de pensar que iria repetir estes procedimentos até ao fim da sua vida não era muito agradável de encarar. Era como que queimar o tempo num ritmo matemático, mesmo mecânico. O facto de poder dispor do tempo, da sua liberdade, compensava esta sensação. Grande parte do tempo era passada num domínio espiritual. Seria tão bom poder viver sem ser preciso comer para sobreviver, podermos viver espiritualmente e alimentarmo-nos dos pensamentos, dos sentimentos, da lógica, e da energia que nos envolvem.

Um dos clientes diários do café chamado Patrick, era um personagem característico daquele estabelecimento. Todos os dias estava presente e

estava constantemente a rir-se por ter uma deficiência mental, no entanto não agressiva. O conteúdo das suas conversas era mesmo inteligente, o que fazia Miguel pensar que haveria muitos ignorantes à sua volta que nunca o poderiam compreender. A presença de Patrick também lhe trazia uma certa inspiração. Era como ter um elemento fora do comum em termos de comportamento e que fazia a diferença entre aquele local e os outros onde temos que ter uma atitude standardizada para obedecer às regras sociais.

Por vezes, Miguel ria-se ao ouvir as suas observações, e outras faziam-no pensar, reflectir sobre a coerência de raciocínio proveniente de uma mente dita perturbada. Finalmente, Patrick era mais feliz do que todos os presentes. O seu mundo interior era belo e puro, portanto tudo era bonito para ele...pessoas e coisas.

Por ridículo que pareça, Patrick e um outro indivíduo que por vezes aparecia no café, eram as únicas personagens que lhe despertavam a atenção e com quem aprendia muita coisa à distância. O conteúdo das suas conversas era fora do comum e substancialmente lógico apesar da sua aparente simplicidade. Na sua maioria, os restantes personagens eram por vezes alguns bêbados que se expressavam de voz alta para se afirmarem, mas que não diziam senão disparates e obscenidades. Os reformados tinham um 'Déjà Vu' sobre a sua existência e contavam todos esses episódios.

Miguel absorvia todo o conteúdo desta miscelânea de mentalidades, de formações, culturas e estados de espírito diferentes e isso ajudava-o não só a compreender a diversidade do espírito humano, mas também a poder escrever sobre todas essas suas conclusões, mesmo sobre os personagens que faziam parte de todos esses contextos sociais. Com eles, aprendia sobre as suas próprias imperfeições como ser humano, até algumas qualidades que nunca tinha identificado antes.

Depois de ter passado estes momentos, passava pelo supermercado que ficava ao lado do café e fazia as compras do dia. Quando terminava, dirigia-se à igreja da localidade. Miguel não era praticante de nenhuma religião. Podia entrar em todas as igrejas uma vez que para ele todas tinham o mesmo significado. Pensava que tudo passava por uma questão de Fé pessoal, por uma percepção individual trazida naturalmente pelo Criador num determinado momento da vida.

Este hábito tinha origem no falecimento do seu ente mais querido, a sua falecida esposa. Era uma forma de se aproximar dela todos os dias. Era como uma sensação de manter uma chama acesa para um encontro futuro, sob uma outra forma existencial. Se um dia tivesse de decidir sobre uma religião seria a budista, na medida em que a sua neutralidade

e mensagem se identificavam com a sua forma de estar na vida, sobretudo com o seu estado de espírito e convicções.

Provavelmente, por uma questão de destino, quando Miguel tinha emigrado para aquele país e durante o primeiro ano, tinha-se estabelecido numa grande vivenda que deveria recolher uma equipa de vendedores. Acontece que essa habitação era a antiga sede de um grupo religioso chamado Bahá'ís, de origens budistas. Foi nessa casa que Miguel passou o primeiro ano da sua estadia, completamente sozinho e isolado do resto da sociedade. Essa experiência contribuiu para que ele atingisse um nível de interiorização que ele próprio desconhecia poder existir.

Esse recolhimento conduziu-o pela primeira vez a uma Catedral. Nesse local, elegeram um lugar a que chamou o seu 'cantinho' e foi aí que ele encontrou a sua Fé, um momento que não lhe tinha sido imposto pelas doutrinas existentes na sociedade mas que simplesmente tinha nascido naturalmente no seio do coração. Foi nesse lugar que ele escreveu a sua oração pessoal e que conseguiu mergulhar em períodos de meditação que lhe faziam esquecer o tempo e o espaço.

No percurso da carreira profissional, Miguel viajou por diversos países da Europa, muitas vezes de carro. Nesta fase, já não tinha paciência para conduzir. Agora, a principal actividade era escrever as suas memórias e da família, e igualmente sobre todas as ideias, convicções, valores e princípios, tudo o que ainda o animava e que dava uma razão de ser à sua existência.

Apanhou o autocarro de volta para casa e recomeçou a escrever. O dia estava a acabar e iria mergulhar na noite, o período que lhe trazia a maior inspiração. As suas rotinas eram aleatórias, abrangiam o dia e a noite, como uma fusão entre a luz e o brilho do branco, e a escuridão e nostalgia do preto. Sentia que ambos os elementos faziam um 'todo', preenchiam os dois pólos existenciais que fazem parte de todos nós, que fazem parte da existência em geral.

III. CONFLITOS DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA - 1974

Miguel desceu as escadas que levavam à cave do edifício central do quartel. Ao longo do corredor ficavam as celas dos detidos por casos de deserção, por serem refractários ou 'objectores de consciência', mesmo dissidentes políticos. 'Objectores de consciência' era o nome atribuído àqueles que se recusavam a cumprir o serviço militar por motivos morais ou religiosos, na sua maior parte 'Testemunhas de Jeová'.

A missão de Miguel não era fácil de cumprir, sobretudo tendo em consideração a sua consciência política, tudo aquilo que ele tinha herdado do avô paterno. Agora encontrava-se numa situação sem saída, onde tinha uma missão penosa a cumprir.

Miguel tinha sido o primeiro classificado na sua especialidade militar, o que evitou que ele fosse mobilizado para o Ultramar. Este serviço estava indirectamente ligado a outras actividades relacionadas com serviços de informação militar, que por sua vez tinham um contacto estreito com os serviços da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, designados como P.I.D.E..

Durante o percurso militar, Miguel tinha sido alvo de algumas propostas para aderir à polícia política, mas nunca tinha aceiteado. Já lhe bastava ter que cumprir o tempo militar que lhe era imposto pelo regime ditatorial.

Naquele dia tinham-lhe dado instruções para interrogar um detido, o que não fazia parte das suas funções. Miguel sabia que o futuro que estava reservado a este prisioneiro dependia das suas informações sobre o mesmo, tudo aquilo que ele poderia escrever no relatório. A sensação de poder decidir sobre a vida de uma pessoa já não era agradável, mas o que o afectava mais era o facto de ser obrigado a fazê-lo.

Entrou na cela acompanhado de escolta e de acordo com as regras militares. Fernando estava deitado no leito que tresandava à distância. Estas condições eram criadas intencionalmente para afectar o estado emocional dos detidos. O prisioneiro levantou-se imediatamente e pôs-se a um canto adoptando uma atitude de dúvida e de receio. Miguel deu instruções à escolta para os deixarem sozinhos. Dessa maneira, poderia eventualmente criar um ambiente que lhe proporcionasse uma certa confiança.

“Mas afinal de contas o que é que querem de mim? Já disse tudo o que tenho para dizer. Não tenho nada a esconder! Para que serve tudo isto?” - perguntou o detido.

“Oiça! Posso chamá-lo Fernando? Nós temos a mesma idade e estamos ambos a viver as circunstâncias que caracterizam o contexto político deste país. Eu cumprio o serviço militar que me foi imposto e você assumiu uma posição que corresponde aos seus valores e convicções, finalmente às suas opções. Estamos em lados supostamente opostos, é tudo, mas isso não quer dizer que não seja possível encontrar uma solução para esta situação.” - respondeu Miguel.

“Isso é tudo conversa para me entreter. São tudo mentiras para conduzir as pessoas a respostas e afirmações que não correspondem à realidade. Sim, só correspondem à vossa realidade, aquela que não é absoluta apesar de ser totalitária.” - disse Fernando com os olhos cravados de ira.

“Escute, o meu nome é Miguel e deram-me a missão de fazer um relatório sobre as suas opções morais ou religiosas e sobre as suas eventuais actividades políticas. Apesar de ter afirmado que era ‘objector de consciência’, a opinião dos meus superiores é que você exerce actividades políticas que constituem um risco para o regime, provavelmente ligado a alguns actos subversivos, para ser mais específico.” – explicou Miguel.

“Vocês são todos os mesmos, cheios de veneno, cinismo e hipocrisia. É uma tristeza para a população assistir aos seus compatriotas praticarem a denúncia e perseguição, até mesmo no seio das vossas famílias.”

“Não me faça esse tipo de acusações sem me conhecer minimamente! Não é que eu tenha que me justificar perante si, mas as suas palavras são extremamente injustas, para além da agressividade manifestada na sua atitude. Vou ignorar o que disse, considerando a sua situação de detido, e de se encontrar certamente afectado psicologicamente.”

Para Miguel, esta situação estava a tornar-se difícil já desde o início. É verdade que não podia interpretar as acusações do detido como sendo pessoais, mas as suas palavras não deixavam de causar um certo efeito na sua mente. Nunca tinha denunciado ninguém e inclusivamente tinha assumido algumas posições que estavam longe de ter alguma relação com o regime fascista, mas isso não podia revelar ao detido. Tinha que manter o seu papel e tentar compreender a sua reacção como encarcerado e vítima do sistema fascista.

Mais uma vez lhe afluíam memórias do passado político de Rudolfo e isso fazia-o olhar para Fernando e ver nele o espelho do contexto de perseguição política que tinha sido praticada com o avô. Este facto causava-lhe involuntariamente um conflito de consciência que estava já a afectá-lo e a prejudicar a sua missão. Tinha a dúvida se poderia ser franco e honesto com Fernando ou não, expressar-lhe as suas ideias políticas sem que isso pudesse servir mais adiante como uma arma de retaliação que o poderia prejudicar.

Miguel estava na mesma situação do que a de centenas ou milhares de cidadãos que eram obrigados a prestar serviço militar num regime ditatorial. Não havia muita escolha, apesar de existirem opções individuais que envolviam riscos de nunca mais se poder voltar ao país natal, como emigrar clandestinamente, por exemplo.

Miguel tinha uma filha adorável de tenra idade chamada Patrícia e um sonho de esposa chamada Emília. Era essa a fortuna da sua vida que ele tinha de proteger e garantir estabilidade, mas no entanto haviam limites pessoais que ele tinha igualmente de respeitar, como a sua integridade espiritual, moral e política, resumindo, a sua dignidade e orgulho pessoais. Era essa coerência que ele tinha de manter, o que não era fácil. Finalmente bastava ser diplomata, o que para ele era bastante difícil assumir devido ao seu carácter, aquele que tinha sido herdado do avô paterno. Preferia ser indecifrável nas suas ideias enquanto vivesse sob o tecto militar.

“Não tem a obrigação de me conhecer. Eu compreendo perfeitamente que no seu lugar eu teria provavelmente a mesma reacção de desconfiança, mas só posso dizer-lhe que às vezes as coisas e situações não são aquilo que parecem. Por vezes, muitos de nós temos de fazer parte de um teatro político-militar para assegurarmos a estabilidade das nossas famílias, mas isso não significa que as nossas opções políticas sejam idênticas às do sistema em vigor.” - justificou-se Miguel.

“Não venha para aqui contar-me histórias para se penitenciar das suas opções políticas. Todos nós podemos optar entre o bom e o mau, o honesto e o desonesto. Nada justifica a prática de métodos fascistas dos quais somos todos vítimas. Está a contar-me essas histórias só para me criar um falso sentimento de confiança.” - disse Fernando.

“Não é verdade, não pense nisto! Posso sentar-me?”

Na mente de Miguel, reinava a dúvida se poderia ser franco ou não com esta personagem que se encontrava oprimida e perseguida. Também tinha de ter em consideração que não poderia criar um clima de intimidade que pudesse dar origem a um proteccionismo que fosse notado pelos seus superiores e que pudesse denunciar as suas ideias ou tendências políticas.

“Oiça o que eu tenho para lhe dizer, Fernando! Não quero ficar com problemas de consciência por ter que preencher um relatório a seu desfavor. Não me obrigue a fazer isso!”

“O quê? Problemas de consciência? Mas será que vocês possuem uma consciência? Eu nunca seria capaz de estar no seu lugar.”

“Sim, compreendo perfeitamente a sua posição, mas pense também que muitos regimes injustos e totalitários tiveram um fim não só originado por confrontos militares, mas também pela resistência passiva no seio do exército. Muita coisa pode depender desta atitude. Imagina o que isso pode representar em termos de mudança?” - retorquiu Miguel com a esperança de que ele captasse esta mensagem.

“De diplomatas estou eu farto! Palavras não adiantam grande coisa.”

“E o que é que adianta a sua situação actual, Fernando? No que é que pode contribuir para mudar seja o que for, dentro de uma prisão? Digame lá!”

“Sirvo como exemplo de coragem que provavelmente muitos seguirão. Não me diga que isso não serve de nada. Mas afinal de contas o que é que me quer dizer? Não me diga que é um comunista ou socialista disfarçado.”- Fernando estava um pouco céptico e desconfiado.

Naquele momento e face à sua questão, Miguel hesitou antes de prosseguir com algumas confissões que poderiam revelar as suas ideias políticas, embora que para ele não significasse exactamente isso. Miguel tinha sido sempre contra tudo aquilo que o pudesse manipular, fosse a um nível político ou religioso. Considerava estes dois elementos como dos mais perigosos na sociedade porque eram manipuladores e corruptos na sua origem. Finalmente decidiu por arriscar um pouco mas mantendo uma certa discrição sobre os acontecimentos expostos.

“Sabe, Fernando? Eu também tentei evitar o serviço militar porque, como outros milhares de portugueses, nunca concordei com a guerra no

Ultramár. Em 1968, emigrei para França, precisamente para evitar tudo aquilo que me afectava politicamente. Não sou muito diferente do que você em termos de possuir outras opções e ideais, sobretudo sociais, mas a realidade dos factos faz com que todos nós tenhamos de nos adaptar.”

“Adaptar? É por causa de indivíduos como você que estamos nesta situação. Vocês deviam formar um novo partido político chamado o ‘Partido dos Conformistas’. Que tristeza!” – retorquiu Fernando num tom bastante áspero.

A paciência de Miguel estava a chegar aos limites. Ele era muito tolerante, mas tinha de existir uma compreensão do outro lado desta linha de comunicação que permitisse estabelecer um diálogo e encontrar soluções. Este indivíduo não tinha a noção de que o futuro da sua vida estava nas suas mãos ou então era um suicida ou fanático religioso.

“Bom! Vamos ver se nos entendemos! Eu estou aqui para tentar identificar se a causa de estar nesta situação tem uma origem política ou religiosa. Sabe perfeitamente que existem muitos indivíduos que se recusam a fazer o serviço militar por razões de objecção de consciência mas que não são mais nada do que uma farsa para ocultar os verdadeiros motivos que são unicamente políticos. Não será que também possa estar a fazer a mesma coisa do que aquilo que me acusa? Você também não assume inteiramente a sua responsabilidade e o seu papel hipoteticamente revolucionário!”

“O quê? Sou eu que estou aqui preso e não você! E não me diga que eu sou um revolucionário, mas sim um ‘objector de consciência’.” - retorquiu Fernando.

“Eles estão a investigar as suas relações de amizade e familiares. Aparentemente, relaciona-se com pessoas que têm um passado de actividade política que contraria o actual regime e isso é mais um motivo para o reter e questionar até chegar a uma conclusão final. Eu estou aqui para decidir se a sua vida pode voltar a ser como dantes ou não. Não me quer ajudar a fazer isso?”

“Mas como é que pretende fazer uma coisa dessas? Eu não estou aqui para jogar ao palhaço e ser enganado por todos vocês. Não sou tão estúpido como isso!”

“Oiça! Eles deram-me até ao fim de semana para apurar o que se passa realmente na sua vida. Dependendo dos resultados, pode ir para casa ou

então ficar preso e ser transferido para outro local onde eu não tenho jurisdição nem poder de decisão para minimizar a sua situação de detido. Nesse momento, será considerado como um prisioneiro político e as condições actuais, mesmo que peníveis, não serão nada comparadas com as que irá enfrentar. Está realmente preparado para isso?”

Miguel começava a sentir que tinha quebrado qualquer coisa na dureza aparente de Fernando. Essa era a única possibilidade de poder identificar minimamente a realidade política que possivelmente ele estava a esconder. Intimamente, desejava que uma abertura de espírito lhe surgisse na mente para justificar uma possível ajuda da sua parte. A verdade era que era ele que tinha que preencher aquele relatório imundo que lhe tinham imposto escrever e tinha que estar sujeito a toda a espécie de julgamentos da parte do detido.

“Isso não significa mais nada do que eu ter que o ouvir durante mais seis dias. Não pense que eu vou mudar as minhas declarações por causa disso. De certeza que eu não tenho um passado igual ao seu. Posso ver em si e no seu comportamento que é de origens aristocratas. Isso sente-se à distância, mas para mim não tem nenhuma influência, pelo contrário. Eu detesto aristocratas.”

“Pode detestar quem quiser que isso não afecta minimamente os meus princípios e a minha postura. Sabe porquê? Porque mesmo com a minha aparente aristocracia, nunca estabeleci diferenças entre as pessoas, sejam elas sociais, políticas ou religiosas e desde que elas não interfiram na minha vida pessoal. Acha isso tão errado assim?”

“Eu acho que todos nós temos de nos assumir completamente nos nossos ideais e nos nossos valores. Para isso é preciso coragem que é coisa que muitos de nós não têm. Como aristocrata, não sabe nada sobre a vida. Não pagou o preço da pobreza. Não sabe dar o devido valor ao sofrimento do povo!”

“Não acha que está a ter uma conversa demagógica? O que eu lhe posso dizer sobre isso é que realmente, nos primeiros anos da minha vida fui criado e educado por uma família de aristocratas, mas isso não evitou que mais tarde me encontrasse a partilhar os momentos mais felizes com pessoas humildes, e até mesmo pobres que eu conheci e que ainda conheço. Não faça julgamentos como esse porque acabará por ser a primeira vítima deles!”

Fernando ficou em silêncio. Parecia que as palavras de Miguel o tinham feito pensar profundamente sobre o que tinha dito durante aquela conversa. Isso trouxe-lhe uma esperança de poder aproximar-se um pouco dele e tentar tornar tudo mais fácil para ambos. Acreditava que só essa possível ligação o poderia salvar, que poderia dar-lhe os motivos, a razão de escrever um relatório que o ilibasse de todas as suspeitas de que era alvo. Para Miguel também não seria fácil suportar o peso de uma má decisão até ao fim dos seus dias.

Era verdade que a educação de Miguel não lhe permitia ocultar o passado. Parte da infância na propriedade do Cônsul alemão tinha-lhe moldado o carácter de uma maneira muito particular e que era difícil de ser compreendida pelas outras pessoas. A contrapartida dessa situação de privilégio e de abundância, mesmo de uma certa riqueza, foi que Miguel, assim como o pai e o avô, tinham sempre preferido partilhar a sua existência com pessoas simples e humildes.

Enquanto Miguel ouvia as recriminações de Fernando sobre os seus ares aristocratas, lembrava-se de momentos na companhia de crianças ciganas que habitavam provisoriamente nas periferias da sua casa. Lembrava-se das descomposturas que ouvia por fugir de casa e passar as tardes a brincar e a jogar com essas crianças. Tinha saudades desses momentos de fraternidade onde não existem barreiras ideológicas, onde todos são felizes enquanto partilham os mesmos momentos de prazer, onde não existem diferenças sociais ou de qualquer outro tipo, onde existe simplesmente a felicidade trazida pelos momentos que se vivem em comum.

“Está bem! Desculpe, mas compreenda a minha situação e o meu estado de espírito. Não posso evitar de estar revoltado contra toda esta situação, apesar de ter sido por minha escolha e corresponder às minhas convicções. Mas não pense com isto que me irá quebrar porque não será possível!”

“Eu não quero quebrar ninguém! Só quero encontrar certas respostas para certas dúvidas que inclusivamente não são minhas. Oiça! Por hoje penso que é melhor pararmos com esta conversa, mas só para lhe dar uma ideia do que se está a passar neste país, posso dizer-lhe que ocorreram acontecimentos que envolveram movimentos militares nas Caldas da Rainha, pretensamente contra o regime político em vigor.”

“O que é que me está a querer dizer com isso? Está a falar num possível golpe de Estado?”

“O que lhe posso dizer é que existem rumores sobre a existência de outras tendências políticas no seio do exército, o que significa que tudo pode acontecer. Este movimento militar foi aparentemente abortado por falta de sincronização entre as forças que estão presentes no Centro do país e em Lisboa, mas que se deu, não existe nenhuma dúvida. Como poderá verificar, nem todos os que fazem parte do regime fascista militar estão de acordo com a prática ditatorial, muito menos os soldados e oficiais que foram obrigados a cumprir o serviço militar. Pense nisso e tenha cuidado com os julgamentos que faz sobre as outras pessoas. Sem haverem dissidentes militares, não seria possível a existência de golpes de Estado com o fim de acabar com certos regimes, mas para isso é preciso estar activo no serviço militar, ou não? Até amanhã!”

Fernando não se manifestou. Levantou-se e abriu a porta da cela a Miguel com um ar desconfiado, como se não acreditasse nas últimas palavras que tinha ouvido. No entanto, elas eram bem reais. A porta fechou-se atrás dele sem que ele olhasse para trás.

Miguel sentia-se mais aliviado. O facto de ter tido esse desabafo com o detido era para ele como redimir-se da culpabilidade trazida por aquelas funções que lhe tinham atribuído. Dirigiu-se para a porta de armas, fez a saudação militar e tomou o caminho de casa para reencontrar aqueles que constituíam a sua única fortuna, a sua família.

No caminho, debateu-se com conflitos de consciência política embora sempre tivesse mantido uma posição neutra. Acederam-lhe ao espírito imagens de alguns conflitos que às vezes tinha com o pai. Ricardo era um tecnocrata que tinha feito carreira profissional na área dos seguros. Dada a sua capacidade e antiguidade, acabou por subir de posição e afirmar-se nessa imensa pirâmide profissional.

Ricardo fazia parte integral dessa máquina capitalista e trabalhava para um dos personagens mais famosos no campo da indústria dos seguros. O regime capitalista é que lhe tinha proporcionado ter uma vida sem dificuldades. A estabilidade e o conforto de vida da sua família estavam baseados neste sistema que funcionava de mão apertada com o regime fascista.

O que mais o chocava era o facto do pai contestar o regime capitalista sendo um privilegiado em termos sociais à custa desse mesmo sistema. Miguel pensava que quando não se concorda com alguma coisa, não se faz parte dela, é tudo. Apesar disso, ele próprio encontrava-se nessa mesma situação, com a diferença de que o cumprimento do serviço

militar lhe tinha sido imposto, enquanto o estatuto profissional do pai era por opção profissional, logo pessoal. Para ele, isso constituía a justificação do seu comportamento perante Fernando e do seu papel no seio do exército.

Quando analisava os factos, chegava igualmente à conclusão de que todos nós temos as nossas incoerências políticas como resultado de tudo aquilo que condiciona as nossas vidas, a nossa sobrevivência e a das nossas famílias. Para dizer a verdade e apesar da sua admiração pelo avô paterno, nunca tinha compreendido completamente como é que um comunista se podia relacionar tão bem com um fascista, mas isso também era a prova de que todos poderíamos viver em paz se puséssemos de parte todos estes condicionalismos políticos ou religiosos de que finalmente somos todos vítimas.

Mais uma vez, Miguel agia sob a influência das palavras do avô Rudolfo. O seu passado de anarquista e mais tarde de comunista, tinham-no sempre conduzido a adoptar atitudes extremas. No íntimo, Miguel tinha tendências extremistas. Os acontecimentos de Maio de 1968 em Paris também tinham um papel a desempenhar em todo este contexto. As ideias revolucionárias da época estavam a proliferar pela Europa e a minar os regimes ditatoriais.

Pouco tempo depois e dada a sua imparcialidade, Miguel iria encontrar-se numa situação de conflito político-ideológico com o pai e a um nível religioso com a sua mãe. Para ele, esse foi um dos exemplos sobre até que ponto a política e a religião podem manipular certos espíritos, prejudicando as relações existentes no seio da família, provocando uma profunda desunião entre os entes que se pretendem ser os mais queridos.

Num certo momento, tentou esquecer tudo aquilo que se tinha passado naquele dia. Acelerou o carro e entrou no seu mundo privado, aquele que não trazia dúvidas nem questões, onde podia sentir-se feliz e em liberdade. Que melhor compensação poderia existir do que ter a esposa e filha à sua espera?

OS AUTORES

Filho de Rui de Sousa Pacheco e Isabel Maria Pacheco, Carlos Miguel Pacheco, nasceu em Queluz, em 26 de Abril de 1951.

Casou-se com a sua falecida esposa, Maria Eduarda Lopes da Costa, em 3 de Julho de 1971.

Cumpriu o serviço militar entre Outubro de 1972 e Abril de 1975.

Interrompeu a Escola Secundária para se especializar na área de Organização e Métodos, Informática e Contabilidade, o que o conduziu ao cumprimento de diversas missões profissionais em vários países europeus.

Aos sessenta e quatro anos de idade, decidiu exprimir por escrito alguns dos seus pensamentos, expressando numa linguagem muito simples e humilde os seus valores intrínsecos, crenças e convicções, na esperança de que sejam eventualmente capturados e compreendidos por algumas pessoas como uma mensagem de espiritualidade, conjuntamente com noções sobre os ideais de Liberdade, Igualdade e Democracia.

O autor dedicou este livro ao seu avô, amigo e mentor, Rui de Assis Pacheco e à sua filha, Paula Sofia Pacheco.

Filha do autor, Paula Sofia Pacheco, nasceu em 10 de Fevereiro de 1972. Exerceu a profissão de secretariado na área da advocacia, e mais tarde trabalhou para serviços jurídicos relacionados com a Assembleia da República e o Serviço de Informações do Estado, tendo por fim, enveredado pelo caminho das terapias alternativas e ajuda espiritual. Contribuiu na elaboração deste livro na área de revisão de texto.

PS: Todas as menções sobre acontecimentos históricos, tiveram como base a consulta da enciclopédia livre, Wikipedia. Esta pesquisa foi necessária para a sincronização das datas que estão compreendidas neste período da História de Portugal, nos seus contextos político e militar. Embora baseado em acontecimentos históricos reais, este livro constituiu uma obra de ficção em que qualquer eventual semelhança entre as personagens constantes na mesma e pessoas na vida real, será uma mera coincidência.



(Rui de Assis Pacheco e Carlos Miguel Pacheco, Queluz, 1955)

REFERÊNCIAS

Facebook:

www.facebook.com/SonhosPerdidosnoTempo

Site Web do Autor:

<http://cmiguel51.wixsite.com/carlosmiguelpacheco>

Site Web Internacional:

www.diaryofthoughts.com

Email:

<mailto:c.pacheco@laposte.net>

Outras obras do Autor:

***As Minhas Palavras
Simplicidade e Complexidade***

Em língua inglesa:

***The Diary of Thoughts - Volume I
The Diary of Thoughts - Volume II
The Diary of Thoughts - The Poems
Dreams Lost in Time
Simplicity and Complexity***

Audio Books:

***The Diary of Thoughts Poems
Narrated by Hank Beukema***

Sonhos Perdidos no Tempo

1ª Edição

Copyright © 2015 - 2016 Carlos Miguel Pacheco

All rights reserved.

ISBN: 978-99959-762-5-5